

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EMYGDIO LEITE DE ARAUJO MONTEIRO FILHO

MEMORIAL

CURITIBA – 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EMYGDIO LEITE DE ARAUJO MONTEIRO FILHO

Memorial apresentado ao Setor de
Ciências Biológicas para progressão
ao cargo de Professor Titular da
Universidade Federal do Paraná

CURITIBA – 2015

Sumário

Introdução.....	1
Docência.....	8
Orientações e coordenações.....	14
Bancas	23
Referee	25
Produção Literária.....	27
Produtividade em Pesquisa – CNPq.....	31
Participação em Congressos.....	32
Terceiro Setor.....	33
Autocrítica.....	35

Introdução

A despeito de ter passado a maior parte de minha infância em áreas urbanas da Cidade de São Paulo, tive o privilégio de ter morado por dois anos em um bairro periférico onde o ambiente era bem mais próximo do natural com sítios, campos e a possibilidade de ter tido acesso a diferentes animais (particularmente invertebrados) mesmo que muitas das experiências não tivessem sido as melhores.

Avaliando hoje, aqueles dois anos foram mais marcantes do que eu imaginava, pois ao voltar a morar em áreas mais urbanas da cidade, acabei não me afastando de ambientes com características mais naturais, alguns deles onde era possível acampar e outros de exploração como ao longo de ferrovias onde eu coletava pequenos anfíbios e répteis que eram mantidos em terrários.

A partir de então, fui me aproximando da pouca literatura popular sobre fauna e a assistir os raros documentários sobre exploração dos mares. Foi nesta ocasião que iniciei os primeiros contatos com a disciplina Biologia no colegial (atual nível médio) e, apesar de eu ter tido a minha primeira reprovação na vida escolar, os temas discutidos nas aulas chamavam muito a minha atenção e acabou por me conduzir para a área biológica.

Meu ingresso no curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) ocorreu anos mais tarde e mesmo que eu ainda me sentisse completamente perdido em toda a amplitude de disciplinas que o curso oferecia, eu começava a me sentir cada vez mais vinculado à biologia. Na verdade um privilégio, pois mesmo sem um grande conhecimento de muitas das perspectivas do universo

biológico, minha opção de carreira estava correta, o que não parecia ser verdade para muitos de meus colegas.

Durante todo o período de graduação tive a oportunidade de travar contato com professores que possuíam diferentes visões da biologia, com diferentes graus de rigor e com diferentes aptidões críticas e mesmo que nem todos pudessem ser considerados modelos a serem seguidos, tenho aqui que testemunhar que bons modelos não faltaram e certamente ajudaram a moldar minha forma de ver a biologia, o processo de educação na universidade, a pesquisa, o papel da universidade no país e tantas outras questões do país que acabaram por me tornar um eterno revoltado.

Pelo fato de geralmente eu não criar expectativas, as disciplinas de meu primeiro ano de graduação tinham sido muito interessantes e o contato com tantos pesquisadores me fazia ao mesmo tempo compreender que cientistas são pessoas comuns que tiveram o privilégio de optar e viver de atividades que aparentemente acreditam e a participar de uma nova realidade onde a biblioteca, os laboratórios e o campo faziam parte do dia-a-dia.

Políticas a parte, a biologia e em particular a história natural parecia ser a grande perspectiva de vida e possivelmente foi a partir de meu segundo ano como acadêmico que eu comecei a definir um norte e a pensar nas possibilidades de dedicar esforços voltados à biologia e ecologia animal.

Como já mencionado, sou privilegiado por ter convivido por tantos anos com profissionais que fazem justiça ao termo “Professor” e ao termo “Cientista”, pessoas que dedicaram suas vidas a busca de novos conhecimentos e à passagem destes conhecimentos a novas gerações e sem aparente omissão. Sinceramente, eu não tenho

consciência se tenho conseguido atuar desta forma, mas certamente foi o modelo que tomei como sendo aquele que deveria ser seguido.

Após minha graduação passei dois anos desenvolvendo pesquisa com dípteros sob a orientação do Dr. Ângelo Pires do Prado. Este período foi realmente muito importante na minha formação, pois as discussões com o Dr. Ângelo e com outros ex-professores (alguns no exterior e outros ainda no país) eram sempre muito enriquecedoras e passavam experiências que disciplina alguma poderia passar. No período existia uma bolsa do CNPq chamada “Aperfeiçoamento Científico” que infelizmente não existe mais. Digo infelizmente porque durante a vigência desta bolsa pude me dedicar às primeiras pesquisas em tempo integral. Sob a perspectiva da biologia e ecologia, os estudos com moscas me conduziram a diferentes estudos, realmente aperfeiçoando alguns dos meus poucos conhecimentos, o que acabou por gerar dois manuscritos sendo um deles, um dos primeiros estudos sobre processos de decomposição e sucessão de fauna sobre carcaças de mamíferos, cujo conhecimento adquirido utilizo até hoje.

A despeito da satisfação que tive na época por ter conseguido publicar dois de meus estudos, me ressinto pela grave falha cometida de não ter incluído meu orientador no manuscrito. Na ocasião eu ainda não compreendia o que era ser um autor e acabei falhando com o orientador e amigo que apesar de ter me conduzido na coleta, identificação dos dados e redação do manuscrito, sequer comentou minha falha e tampouco expressou alguma mágoa, mantendo a mesma relação e amizade. Ainda que o mesmo já tenha ocorrido comigo em relação a alguns alunos, vejo os eventos de forma diferente. Reconheço a inexperiência de alguns alunos neste processo, mas não justifico minha falha, pois eu estava em um processo de aperfeiçoamento científico e tinha obrigação de já ter compreendido estes procedimentos.

Neste período eu já havia me decidido pelo estudo com mamíferos e graças a esta bolsa e ao estudo com moscas, eu pude (com a ciência e apoio de meu orientador) me dedicar aos primeiros esforços com marsupiais, roedores e cetáceos, grupos a que me dedico até hoje.

Estas primeiras experiências com mamíferos, mesmo que sem orientação formal, foram particularmente importantes, pois me obrigaram a estudar diferentes métodos e, principalmente, formas de adaptar métodos clássicos a grupos particulares. Por exemplo, adaptar o processo de diafanização de um inseto para fins de avaliar estruturas copulatórias e datação de idade cronológica, à diafanização de pelos para análises estruturais com fins de identificação específica. Foi também nesta fase que comecei a entender a relevância de processos biológicos e que eles são os mesmos em quaisquer organismos. Entendi também que as dificuldades estão nas adaptações dos métodos e no reconhecimento das particularidades destes processos em cada organismo.

Considero que o aperfeiçoamento científico foi muito importante em minha formação, atendendo plenamente ao seu objetivo, período este que me permitiu a preparação para o mestrado em Ecologia, não porque era o próximo passo, mas por opção.

Iniciei o mestrado no ano de 1983 com a perspectiva de dar continuidade aos meus estudos com cetáceos, mas após cerca de três meses discordei de um ponto de vista de meu orientador na época e foi pedida a minha expulsão do programa. Minha permanência estava na dependência do aceite de um orientador e fui praticamente resgatado por um ex-professor de graduação e amigo que atuava em outra universidade e se sujeitou a todo o processo de credenciamento. Assim, passei a ser orientado pelo Dr. Augusto Shinya Abe da UNESP de Rio Claro que em sua primeira conversa sobre o

plano de tese, me apresentou a argumentação mais clara para que eu reconsiderasse a minha proposta original e desse continuidade a estudos com pequenos mamíferos, os quais eu já vinha desenvolvendo. Passei então a ter como tema de meu mestrado a “Biologia reprodutiva e espaço domiciliar de *Didelphis albiventris* em uma área perturbada da região de Campinas, Estado de São Paulo (Mammalia: Marsupialia)”.

Os resultados obtidos foram interessantes e enriquecedores para mim. Alguns dos dados continuam inéditos tendo em vista que somente uma parte foi publicada na forma de capítulo de livro. Apesar dos esforços na preparação do manuscrito e da submissão do artigo, o mesmo retornou para correções e com a indicação que poderia ser publicado, contudo, com grande número de aulas a ministrar e início de orientações, as correções foram sendo deixadas de lado e acabei por não retorná-lo à revista. Foi neste período que iniciei meus estudos com morfologia de pelos, os quais vieram a ser uma de minhas linhas de pesquisa. Cabe destacar que a primeira fase de desenvolvimento do método teve como base técnicas aprendidas durante os estudos com moscas.

Durante o período do mestrado os estudos com cetáceos não pararam e os dados já obtidos tiveram continuidade e vieram a fazer parte de meu doutoramento.

O doutorado seguiu imediatamente ao mestrado e sob a orientação do Dr. Cory Teixeira de Carvalho desenvolvi um estudo sobre o comportamento do boto-cinza e que apesar de ter sido concluído oficialmente em quatro anos, contou com quase 10 anos de coletas de dados. Esta acabou sendo a primeira tese com golfinhos desenvolvida no país ou por brasileiros. Assim como ocorreu com o estudo com marsupiais, os cetáceos têm sido estudados até hoje, sendo estas as duas ordens de mamíferos a quem tenho dedicado mais esforços.

Entre o período de defesa de meu doutorado (meados de 1991) e início do ano de 1992, atuei como biólogo junto ao Zoológico Municipal de Pedreira (interior do Estado de São Paulo) e em um levantamento de fauna e proposta de conservação em uma área de Cerradão no município de Américo Brasiliense, também no interior do Estado de São Paulo. Ambas as experiências foram ricas e me permitiram travar contato com diferentes grupos de mamíferos, aves que eu pouco conhecia e répteis, em particular com os jacarés-de-papo-amarelo, grupo com o qual eu era totalmente inexperiente.

Ao final de 1991 fui aprovado em concurso público no Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná, passando a atuar como professor e pesquisador a partir de 1992.

Meu ingresso na universidade foi inicialmente decepcionante, pois ao contrário do que eu costumava fazer, acabei criando expectativas. No fundo a minha decepção foi resultante de um período de adaptações. Adaptações a uma nova cidade, a um clima de tundra, a novas burocracias (e quantas!), à rotina de aulas e a ausência de laboratório e equipamentos. Felizmente quase tudo foi superado, pois na UFPR havia um ponto muito positivo e que eu não via tão claramente na instituição de onde eu havia vindo: a qualidade dos alunos. Isto mesmo, este era o ouro! Os alunos eram carentes na área de vertebrados (mais precisamente tetrápodes), eram muito interessados e dedicavam-se muito. Não era necessário investir muito esforço na formação destes alunos, pois bastavam poucas indicações e eles corriam atrás das informações e sempre vinham com questionamentos interessantes que chamavam muito a minha atenção. Foi nesta ocasião que eu pude aplicar com eles uma técnica que eu tinha aprendido com meu orientador de mestrado, onde eu pude induzir a meus alunos a buscarem as possíveis respostas a suas dúvidas sem, contudo, dar a resposta diretamente. Este aprendizado trago comigo

até hoje e o aplico sempre que possível, pois com este procedimento eu passei a ter autonomia e tenho a obrigação de passar isto adiante.

Assim, com minha adaptação à nova realidade, passei a entender que nenhuma instituição é boa em tudo ou ruim em tudo. Todas possuem coisas boas e ruins mesmo que em proporções diferentes e o que podemos fazer é tentar melhorar aquelas com as quais não concordamos.

Ao final de meu primeiro ano na UFPR fui convidado a participar do Programa de Pós-Graduação em Zoologia, assumindo a orientação de dois mestrados que acabaram ficando sem orientação e que trabalhavam com serpentes. A princípio eu tive receio de não conseguir conduzir orientações decentes, particularmente porque eram as minhas primeiras orientações de mestrado e com um grupo que eu não tinha muita intimidade. Contudo era o momento de eu começar a retribuir tudo o que meus orientadores tinham feito por mim. A história estava se repetindo, pois no início de meu mestrado eu fui “adotado” por um herpetólogo mesmo que o meu trabalho fosse com mamíferos. A convivência com meu ex-orientador de mestrado, a qual havia começado desde o início de minha graduação e com um amigo da UNICAMP (MSc Paulo Roberto Manzani), me permitiu fazer sugestões sobre os aspectos biológicos a serem abordados, já o conhecimento da fauna eu obtive de meus orientados. Foi uma troca farta e proveitosa, pois as duas dissertações foram defendidas e aprovadas dentro dos prazos que legalmente restavam.

A partir deste momento dei início a uma série grande de atividades docentes, de orientações e administrativa que passo a relatar.

Docência

Ao ingressar na UFPR, participei como professor colaborador na disciplina “Zoologia IV” que era ministrada para alunos do terceiro ano da graduação em Ciências Biológicas (Tab. 1). Durante os primeiros anos minha participação era restrita às aulas práticas desde protocordados até mamíferos. Foi uma experiência bem interessante e que me obrigou a retornar aos estudos de muitos organismos que há muito eu não via. As aulas práticas eram conduzidas pelo professor responsável com muito rigor e a visão era inteiramente morfológica e, a despeito de ser muito bem conduzidas, eu tinha como base em minha formação a visão da história natural e não podia aceitar que um organismo fosse apenas forma e aos poucos e até mesmo sob alguns protestos do professor coordenador, eu buscava discutir algumas relações de parentesco, adaptações, funções e possíveis papéis dos organismos no universo em que viviam. Essa era a visão que me havia sido passada por meus professores e com a qual eu concordava e certamente continuo concordando até hoje.

Na ocasião, dois grandes resultados ficaram evidentes: o positivo é que os alunos se sentiam motivados e participativos, sendo este o período em que comecei a ser procurado pelos primeiros estagiários. O segundo resultado foi bem negativo porque acabou gerando algumas reações por parte do coordenador da disciplina que chegou a alegar que eu e um terceiro professor (ministrava o conteúdo teórico) estávamos tentando tomar a coordenação da disciplina. Na ocasião isto me assustou, pois obviamente não era esta a ideia, mas, analisando melhor, talvez a minha abordagem não tenha mesmo sido delicada já que os meus pontos de vista bem poderiam ter sido previamente discutidos. Traumático, mas valeu como experiência.

Neste mesmo período e pelos próximos três ou quatro anos eu também assumi mais duas disciplinas que outros professores não queriam ministrar e que, portanto, passava a ser atribuição de professores novos. Uma das disciplinas era “Zoologia Geral” para os alunos do curso de Engenharia Florestal e que realmente não era nada agradável já que após a apresentação de cada grupo zoológico e seu possível papel em ambientes florestais, a pergunta que sempre surgia era “Quantos metros cúbicos de madeira tem a floresta que este animal vive?”. Por outro lado, havia uma compensação, pois eu também ministrava outra disciplina de zoologia geral, mas desta vez para o curso de Geologia. Apesar de eu ter apenas um semestre para apresentar os grupos zoológicos, era tudo bem interessante já que os alunos possuíam boa formação e compreendiam alguns processos evolutivos.

Após três ou quatro anos, as coisas começaram a mudar e passei a atuar como coordenador da disciplina “Zoologia IV” que era ministrada para a graduação em Ciências Biológicas. Esta disciplina teve seu nome alterado mais recentemente para Metazoa IV. Foi nesta ocasião que também passei a oferecer a disciplina optativa “Introdução à Etologia” que permitiu que eu me afastasse da zoologia geral (Engenharia Florestal e Geologia). Esta nova disciplina sempre teve muita procura pelos alunos e tem sido ministrada duas vezes por ano, uma em semestre letivo e outra em período especial durante as férias escolares. Como eu disse, apesar de optativa a disciplina possui constante procura pelos alunos, mas é bem verdade que é uma das poucas disciplinas optativas ofertadas periodicamente e que exige pouco dos alunos. Na verdade, nunca ficou claro para mim quantos destes muitos alunos a assistem por interesse e quantos a assistem por necessidade de créditos e falta de opções.

A partir de 2007 passei a disponibilizar mais uma disciplina optativa, “Biologia de Mamíferos”, a qual tenho ministrado juntamente com Introdução à Etologia ou de

forma alternada. Esta disciplina também tem recebido grande número de matrículas e assim como a outra optativa, não consigo avaliar o real motivo. Contudo, independente do motivo pelo qual os alunos buscam estas disciplinas, tenho como minha obrigação criar periodicamente novas oportunidades e, neste sentido, acredito que tenho atuado satisfatoriamente.

Tabela 1 – Disciplinas ministradas para cursos de graduação da UFPR entre os anos de 1992 e 2015.

Período	Disciplina	Curso a que se destina
1992 -2006	Zoologia IV*	Ciências Biológicas
2007 – atual	Metazoa IV*	Ciências Biológicas
1992 – 1994	Zoologia Geral	Geologia
1992 – 1994	Zoologia Geral	Engenharia Florestal
1995 – atual	Introdução à Etologia	Ciências Biológicas Ciências Veterinárias Engenharia Florestal
2007 - atual	Biologia de Mamíferos	Ciências Biológicas
1995 - atual	Estágio em Zoologia	Ciências Biológicas

* Estas duas disciplinas correspondem a variações do mesmo tema com adequação curricular temporal.

Por 21 anos tenho orientado monografias (Tabela 2) que oficialmente fazem parte da disciplina de Estágio em Zoologia. As monografias são de espectro amplo

abrangendo comportamento animal, história natural, ecologia, morfologia de grupos recentes e aspectos evolutivos de diferentes grupos de vertebrados.

Tabela 2 – Número de monografias orientadas em 21 anos e IES a que elas estão vinculadas. Os dados estão separados de acordo com três linhas de pesquisa principais e por grupo de vertebrado. Em “outros”, estão incluídas orientações com diferentes grupos de invertebrados.

Tema	Grupos de vertebrados	Número	IES
Comportamento, história natural e ecologia	Anfíbios	2	UFPR
	Répteis	9	UFPR
	Aves	16	UFPR
	Mamíferos	41	UFPR, UNESP/RC, USP/Rib.,
Morfologia de grupos recentes	Anfíbios	2	UFPR
	Répteis	6	UFPR
	Aves	4	UFPR
	Mamíferos	12	UFPR, UniBrasil, UTP
Evolução (Paleontologia)	Mamíferos	2	UFPR
Outros		2	UFPR

Com o início de minha participação junto ao Programa de Pós-Graduação em Zoologia (UFPR) passei a atuar junto à disciplina “Chordata” (exceto por dois anos) na qual sou colaborador até hoje (Tab. 3). Passei também a ministrar por cerca de 10 anos a disciplina “Introdução ao Estudo do Comportamento Animal” que aparentemente foi sempre bem aproveitada por alunos dos programas de Pós-Graduação em Zoologia, Entomologia, Medicina Veterinária e Engenharia Florestal e, com resultados muito interessantes.

Aos poucos fui percebendo que os alunos dos programas de Zoologia e Entomologia eram carentes em relação aos conceitos ecológicos voltados aos estudos de populações e então, por sete anos ministrei a disciplina “Métodos Básicos em Estudos de Populações” da qual fui me afastando à medida que disciplinas semelhantes passaram a ser ministradas por ex-alunos e com qualidade superior.

Em 2004, enquanto colaborador no Programa de Pós-Graduação em Ecologia da UNICAMP, ministrei a disciplina “Biologia e Ecologia de Mamíferos” a qual mais tarde passou a ser ministrada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da UFPR e atualmente também junto ao Programa de Pós-Graduação em Zoologia (UFPR).

Em associação com um colega da Universidade Federal de Santa Catarina (Paulo César Simões-Lopes) ministrei a cada dois anos desde 2001 a disciplina “Mamíferos Marinhos: Métodos e Aplicações” a qual sempre recebe alunos de diferentes programas de vários estados.

Além deste conjunto, por três anos ministrei como colaborador, aulas na disciplina de Ecologia de Populações do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação (UFPR) e por cerca de sete anos, diferentes cursos voltados à ecologia de

populações junto ao Programa de Pós-Graduação em Sistemas Costeiros e Oceânicos do Centro de Estudos do Mar/UFPR.

Tabela 3 – Disciplinas ministradas regularmente para programas de Pós-Graduação de diferentes IES.

Período	Disciplina	Curso a que se destina
1994 - atual	Chordata	PG- Zoologia/UFPR
1993 - 2000	Introdução ao Estudo do Comportamento Animal	PG- Zoologia/UFPR PG- Ciências Veterinárias/UFPR PG- Engenharia Florestal/UFPR
1995 - 2002	Métodos Básicos em Estudos de Populações	PG- Zoologia/UFPR PG- Entomologia/UFPR
2001 - atual	Mamíferos Marinhos: Métodos e Aplicações	PG- Zoologia/UFPR PG- Ecologia/UFSC PG-
2004 - atual	Biologia e Ecologia de Mamíferos	Ecologia/Unicamp PG- Zoologia/UFPR PG- Ecologia e Conservação/UFPR
2004 – 2007 2013	Ecologia de Populações	PG- Ecologia e Conservação/UFPR

Desta forma, assim como ocorreu com as disciplinas de graduação, acredito ter atuado de forma satisfatória em relação às disciplinas de pós-graduação.

Orientações e coordenações

Do final do ano de 1992 até março de 2015 tive a oportunidade de orientar 50 dissertações (Tab. 4) e 17 teses (Tab. 5) que estavam vinculadas a 8 programas de pós-graduação.

Tabela 4 – Dissertações orientadas em diferentes IES entre 1994 e 2015.

Título da Dissertação	Autor	IES
1 - Alocação Genérica e Redescrição de <i>Rhadinea Obtusa</i> Cope, 1863 (Serpentes: Colubridae).	Júlio Cesar de Moura Leite	Zoo/UFPR
2 - Biologia Comportamental de <i>Cavia aperea</i> (Mammalia: Caviidae) em área aberta no Estado de São Paulo	Mariluce R Messias	Zoo/UNESP/RC
3 - Padrões de distribuição da fauna de serpentes de Floresta com Araucária e ecossistemas associados à Região Sul do Brasil	Sérgio Augusto Abrahão Morato	Zoo/UFPR
4 - Aspectos da biologia reprodutiva e ecologia de <i>Didelphis marsupialis</i> L. 1758. (Mammalia: Marsupialia) em uma floresta ombrófila mista do sul do Brasil	Nilton C Cáceres	Zoo/UFPR
5 - Comportamento, atividade diária e área de vida do serelepe <i>Sciurus ingrani</i> Thomas, 1901 (Rodentia, Sciuridae) em uma floresta ombrófila mista do sul do Brasil	Marcelo O Bordignon	Zoo/UFPR
6 - Sucessão e faunística sobre uma carcaça animal em decomposição em Curitiba, Paraná	Maurício Osvaldo Moura	Entomologia/UFPR
7 - Ecologia alimentar do cachorro-domato, <i>Cerdocyon thous</i> (Carnivora-Canidae), no Parque Florestal do Itapetinga, sudeste do Brasil	Kátia G Facure	Ecologia/UNICAMP

8 - História natural e biologia comportamental do veado-campeiro (<i>Ozotocerus bezoarticus</i>) em Cerrado do Brasil Central	Flávio H G Rodrigues	Ecologia/UNICAMP
9 - Ecologia de pequenos mamíferos em uma área de Cerradão do Município de Américo Brasiliense, SP	Kátia Cury Roselli	Zoo/UNESP/RC
10 - Aspectos da biologia alimentar de <i>Lontra longicaudis</i> (Olfers, 1818) em uma Floresta Atlântica de Planície, Município de Itapoá, SC	Juliana Quadros	Zoo/UFPR
11 - História natural de <i>Brachycephalus pernix</i> Pombal, Wistuba & Borschein, 1998 (Anura) no Morro Anhangava, Município de Quatro Barras, Estado do Paraná.	Eloisa M Wistuba	Zoo/UFPR
12 - Criação e relocação de cutias <i>Dasyprocta azarae</i> Leitchenstein, 1823 em área verde urbana, Curitiba, PR	Rogério Ribas Lange	Zoo/UFPR
13 - Biologia reprodutiva do andorrião-de-coleira-falha, <i>Streptoprocne biscutata</i> (Sclater, 1865) (Aves: Apodidae) do Morro Anhangava, Serra do Mar Paranaense	Mauro Pichorim	Zoo/UFPR
14 - Cuidados parentais de <i>Sotalia fluviatilis guianensis</i> (Cetacea: Delphinidae), na região do Complexo estuarino Lagunar Cananéia-Paranaguá	Marina Rautenberg	Zoo/UFPR
15 - Comportamento e vocalização de filhotes de <i>Sotalia guianensis</i> (Cetacea: Delphinidae), em áreas internas do complexo Estuarino Lagunar de Cananéia e Baía de Guaraqueçaba	Munique M S Neto	Zoo/UFPR
16 - Ecologia alimentar e área de vida de carnívoros da Floresta Nacional de Ipanema, Iperó, SP (Carnivora: Mammalia)	Eduardo Nakano Cardim de Oliveira	Ecologia/UNICAMP
17 - Estimativa da densidade populacional e estrutura de agrupamento do boto-cinza <i>S. guianensis</i> em duas baías do litoral do Estado do Paraná	Gislaine de Fatima Filla	Zoo/UFPR
18 - Ecologia comportamental do boto-cinza, <i>Sotalia guianensis</i> , (van Bénédén, 1864), na região extremo sul do Estado da Bahia, Nordeste do Brasil	Marcos Roberto Rossi dos Santos	Zoo/UFPR
19 - Comportamento de pesca do Boto-cinza <i>Sotalia guianensis</i> (van Bénédén, 1864)	Camila Domit	Zoo/UFPR
20 - Ecologia Comportamental do Boto <i>Sotalia guianensis</i> (van Bénédén, 1864)	Juliana Lima Spínola	Zoo/UFPR

(Cetacea, Delphinidae) junto à comunidade da Barra do Paraguaçu, BA		
21 - Videoidentificação na investigação dos movimentos dos botos-cinza, <i>Sotalia guianensis</i> (Cetacea: Delphinidae), entre as populações presentes nas regiões de Cananéia (SP) e Ilha das Peças (PR)	Lisa Vasconcelos de Oliveira	Zoo/UFPR
22 - Análise populacional de <i>Alouatta clamitans</i> Cabrera, 1940 no Parque Estadual da Ilha do Cardoso, litoral sul do Estado de São Paulo, Brasil	Bianca Ingberman	Ecol. Conserv/UFPR
23 - Estudo etnobiológico comparativo do conhecimento popular de pescadores em diferentes regiões do litoral brasileiro e implicações para a conservação do boto-cinza <i>Sotalia guianensis</i> (van Bénédén, 1864) (Cetacea: Delphinidae)	Camilah Antunes Zappes	UFJF
24 - Ecologia da comunidade de pequenos mamíferos da floresta estacional aluvial da RPPN Cabeceira do Prata, região da Serra da Bodoquena, Estado do Mato Grosso do Sul	Marja Zatonni Milano	Ecol. Conserv/UFPR
25 - Dinâmica populacional de duas espécies simpátricas de marsupiais didelfídeos num fragmento florestal no sul do Estado do Paraná	Renato Garcia Rodrigues	Ecol. Conserv/UFPR
26 - Análise da captura acidental de tartarugas marinhas em artes de pesca artesanal na desembocadura sul da Baía de Paranaguá, litoral do Paraná	Ellie Anne Lopez Barrera	Sist. Cost. e Ocean/UFPR
27 - Interação de aves costeiras com descartes oriundos da pesca artesanal no litoral centro-sul paranaense	Viviane Lorenzi Carniel	Zool/UFPR
28 - Ecologia alimentar e consumo de material inorgânico por tartarugas verdes, <i>Chelonia mydas</i> , no litoral do Estado do Paraná	Flávia Maria Guebert	Zool/UFPR
29 - A pescaria industrial de rede de emalhe de superfície e as tartarugas marinhas: Caracterização das frotas de Itajaí, Navegantes, Porto Belo (SC) e Ubatuba (SP), suas áreas de atuação, sazonalidade e interação com as tartarugas marinhas	Fernando Niemeyer Fiedler	Sist. Cost. e Ocean/UFPR
30 - Biologia Reprodutiva e Dieta do socó-do-mangue, <i>Nyctanassa violacea</i> , em uma área de manguezal, Paraná, Brasil	Juliana Rechetelo	Sist. Cost. e Ocean/UFPR

31 - Estudo da biologia reprodutiva na fase juvenil da tartaruga-verde (<i>Chelonia mydas</i>) no litoral do Estado do Paraná	Liana Rosa	Sist. Cost. e Ocean/UFPR
32 - Interações alimentares entre aves marinhas e o boto-cinza, <i>Sotalia guianensis</i> (van Bénédén, 1864) no Complexo Estuarino Lagunar de Cananéia, SP	Letícia Quito	Sist. Cost. e Ocean/UFPR
33 - Uso de habitat pelo boto-cinza, <i>Sotalia guianensis</i> (van Bénédén, 1864), na Baía de Paranaguá, Litoral do Estado do Paraná	Glaucia Sasaki de Paula	Sist. Cost. e Ocean/UFPR
34 - Caracterização da mortalidade de cetáceos no litoral do Estado do Paraná entre 2007 e 2009 e relatos de capturas incidentais na comunidade de Ipanema, Pontal do Paraná	Maria Camila Londoño	Sist. Cost. e Ocean/UFPR
35 - Detecção de predação intraguildd através da espectroscopia no infravermelho	Marcelo Hideki Wada	Zool/UFPR
36 - A paisagem do Parque Tingui e a presença da capivara	Ariadina Maria Reis de Almeida	Eng. Florest/UFPR
37 - Educação Ambiental: estudo de caso em uma escola de ensino fundamental na região de Curitiba	Adriana Serenato de Souza	Gest. Amb/ Univ. León
38 - Estrutura populacional de pequenos mamíferos na Reserva do Cachoeira em Guaraqueçaba, PR	Fabiana Silveira	Zoo/UFPR
39 - Dieta e partilha de recursos entre espécies de pequenos felídeos em áreas protegidas de Floresta Atlântica costeira no litoral Norte do Estado do Paraná	Gabriel Shimokawa Magezi	Zool/UFPR
40 - Conservação e reprodução do papagaio-de-cara-roxa, <i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758) no litoral norte de Estado do Paraná	Maria Cecília Abbud	Ecol.Conserv/UFPR
41 - Captura acidental da toninha, <i>Pontoporia blainvillei</i> (Cetacea: Pontoporiidae) e do boto-cinza, <i>Sotalia guianensis</i> (Cetacea: Delphinidae) em redes de pesca no Complexo Estuarino Lagunar de Cananéia, litoral sul do Estado de São Paulo.	Julieta Anahí Sánchez Desvaux	Zool/UFPR
42 - Repertório sonoro e comportamento noturnos do boto-cinza, <i>Sotalia guianensis</i> (Cetacea: Delphinidae), em estuários dos estados de São Paulo e Paraná	Lucimary Steinke Deconto	Sist. Cost. e Ocean/UFPR
43 - Marsupiais e roedores em	Fernanda Martins	Zool/UFPR

ambientes costeiros terrestres no sul do Estado de São Paulo		
44 - Comportamentos de cuidado parental em boto-cinza, <i>Sotalia guianensis</i> , na região do Complexo Estuarino-Lagunar de Cananéia, Estado de São Paulo	Clarissa Ribeiro Teixeira	Zool/UFPR
45 – Different types of individual space use in two close sites by Guiana dolphin (<i>Sotalia guianensis</i>) in the Cananéia Estuary, Brasil	Eric Medeiros	Zool/UFPR
46 – Ecologia alimentar de <i>Sotalia guianensis</i> e <i>Pontoporia blainvillei</i> (Cetacea: Delphinidae e Pontoporiidae) no litoral sul do Estado de São Paulo e do Estado do Paraná	Márcia Regina de Oliveira	Zool/UFPR
47 – Ocupação temporal e espacial e aspectos da predação de frutos do cacauero (<i>Theobroma cacao</i> L.) por pequenos mamíferos (Mammalia) no sudeste da Bahia	Antonia Marli Vieira da Encarnação	Desenv. E Meio Amb/UESC
48 – Reprodução e conservação do papagaio-da-car-roxa, <i>Amazona brasiliensis</i> (linnaeus, 1758) no litoral norte do Estado do Paraná	Maria Cecília Abbud	Ecol.Conserv/UFPR
49 – Efeitos de desmatamento na estrutura da avifauna em um fragmento de Floresta Atlântica do sul do Brasil	Marcelo Alejandro Villegas Vallejos	Ecol.Conserv/UFPR
50 – Ingestão de resíduos sólidos por tartarugas-verdes (<i>Chelonia mydas</i>) em área de alimentação dentro de um mosaico de UC no sul do Estado de São Paulo	Daiana Proença Bezerra	Ecol.Conserv/UFPR

Tabela 5 – Teses orientadas e co-orientadas em diferentes IES entre 1998 e 2015.

Título da Tese	Autor	IES
1 - Contenção da cutia, <i>Dasyprocta azarae</i> Lichtenstein, 1823 (Rodentia: Mammalia), pela associação de Cloridrato de Cetamina, Cloridrato de Xilazina e Sulfato de Atropina - definição de protocolos posológicos individuais com base em extrapolação alométrica interespecífica	José Ricardo Pachaly	Zool/UFPR
2 - Anfíbios anuros em fragmentos de	Cristina Azarbe	Zool/UFPR

Mata Atlântica no Nordeste do Brasil.		
3 - Estudo Comparativo de comunidades de pequenos mamíferos em duas áreas de Mata Atlântica situadas em diferentes altitudes no sudeste do Brasil	Emerson Monteiro Vieira	Ecologia/UNICAMP
4 - Estrutura e coexistência em uma comunidade de insetos necrófagos	Mauricio O Moura	Entomol/UFPR
5 - Interações com a pesca, mortalidade, idade, reprodução e crescimento de <i>Sotalia guianensis</i> e <i>Pontoporia blainvillei</i> (Cetacea: Delphinidae e Pontoporidae) no sul do Estado de São Paulo e litoral do Estado do Paraná, Brasil	Fernando Cézae Weber Rosas	Zool/UFPR
6 - Dieta, adaptações à alimentação e dispersão de sementes por marsupiais do sul do Brasil	Nilton Carlos Cáceres	Zool/UFPR
7 - Aspectos da história natural de <i>Tayassu pecari</i> (Link, 1795) (Artiodactyla: Tayassuidae) no Estado do Paraná, sul do Brasil	Teresa Cristina Castellano Margarido	Zool/UFPR
8 - Parâmetros populacionais de quatro colônias de <i>Streptoprocne biscutata</i> (Aves: Apodidae) do leste do Estado do Paraná, sul do Brasil	Mauro Pichorim	Zool/UFPR
9 - Distribuição altitudinal e ecológica de serpentes na região atlântica do Estado do Paraná, Brasil	Sérgio Augusto Abrahão Morato	Zool/UFPR
10 - Ecologia e Conservação dos Carnívoros do Complexo Estuarino Lagunar Iguape/Cananéia	Eduardo Nakano Cardim de Oliveira	Ecologia/UNICAMP
11 - Monitoramento das interações entre o boto-cinza <i>Sotalia guianensis</i> (van Bénédén, 1864) e as atividades de turismo no complexo estuarino lagunar de Cananéia, litoral sul do Estado de São Paulo, Brasil	Gislaine de Fatima Filla	Zool/UFPR
12 - Diversidade de espécies e comportamento de uma comunidade de aves estuarinas em um baixio do lagamar de Cananéia, Litoral sul do Estado de São Paulo, Brasil	Tayla Coelho Gonçalves de Oliveira	Zool/UFPR
13 - Ecologia Comportamental do Boto-cinza (<i>Sotalia guianensis</i>), no Complexo Estuarino de Paranaguá, Estado do Paraná, Brasil	Camila Domit	Zool/UFPR
14 - Cuidado parental de <i>Selenidera maculirostris</i> , <i>Pteroglossus castanotis</i> e <i>Ramphastos toco</i> (Piciformes: Ramphastidae) no interior de ninhos	Márcia Cziulik	Zool/UFPR
15 - Ecologia populacional e	Ana Carolina	Ciênc. Mar.

comportamento do boto-cinza, <i>Sotalia guianensis</i> (van Bénédén, 1864), na enseada do Mucuripe, Fortaleza, Estado do Ceará	Oliveira de Meirelles	Trop./UFCE
16 – Reprodução, conflito e a história da diversificação social dos Callitrichidae (Primates)	Rodrigo Fernando Moro Rios	Zool/UFPR
17 – A Plasticidade acústica de uma população de botos-ciza, <i>Sotalia guianensis</i> (van Bénédén, 1864) (Cetacea:Delphinidae) no nordeste do Brasil	Dalila Teles Leão Martins	Psicobiol/UFRN

Deste total, a grande maioria com mamíferos, grupo ao qual tenho me dedicado com maior intensidade. As demais orientações estão distribuídas entre outros grupos de tetrápodes e até mesmo com processos ecológicos associados à decomposição de vertebrados (Tab. 6).

Tabela 6 – Números de orientações de Pós-Graduação em diferentes grupos de vertebrados e IES em que estas orientações ocorreram.

Grupos de vertebrados	Número	IES
Anfíbios	2	UFPR
Répteis	8	UFPR
Aves	7	UFPR
Mamíferos	45	UFPR, UNESP/RC, UFCE, UFRN, UNICAMP, UESC, UFJF
Outras orientações	6	UFPR, Univ. León

De uma maneira geral todo o empenho nas orientações (e não foi pouco) foi realmente enriquecedor, sendo esta uma das atividades mais gratificantes sob o meu

ponto de vista. Graças a estas orientações tive a oportunidade de ampliar em muito o meu conhecimento sobre parte da nossa fauna, além do contato com diferentes organismos e sistemas ambientais. Esta relação tem sido muito produtiva e os contatos têm sido mantidos. Sinto-me recompensado por ter colegas (ex-alunos) atuando em mais de 18 universidades federais, estaduais e particulares, assim como em instituições de pesquisa e ONGs. Particularmente na área de mamíferos acredito que a contribuição foi relevante visto que a maioria dos meus ex-orientados atuam nesta área e são reconhecidos pelo trabalho que fazem. É bem verdade que este mérito é deles, mas há muito tempo aprendi com meu primeiro orientador (Dr. Ângelo Pires do Prado) que uma de nossas missões é criar uma escola, ou seja, temos a obrigação de perpetuar os conhecimentos adquiridos através de nossos alunos e, por considerar que esta é uma forma interessante de encarar o nosso trabalho, acredito que cumpri a minha parte. A satisfação é maior ainda quando tenho a oportunidade de participar das bancas de alunos de ex-orientados.

Nesta troca de aprendizados orientador/orientados, ficou evidente que o maior lucro foi meu, pois o conjunto de alunos certamente me ensinou mais que eu a eles. Assim, se aceitarmos que parte do sucesso de um professor/pesquisador está relacionado ao desempenho de seus orientados, posso me considerar bem sucedido tendo formado uma escola que ainda poderá se manter por alguns anos. E se isto é verdade, acredito ter contribuído também para o sucesso de meus ex-orientados e sinceramente, espero ter contribuído para o sucesso de meus orientadores.

Além da docência, orientações e colegiados, tive a oportunidade de atuar duas vezes como vice-coordenador e duas vezes como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Zoologia, atividades estas que merecem uma análise crítica e rigorosa.

Minha primeira experiência na área administrativa foi como vice-coordenador, período que foi particularmente tranquilo tendo em vista que eu era completamente ignorante em relação às funções do cargo, contudo, buscava ajudar no que eu julgava ser necessário. Nesta ocasião minha ineficiência talvez não tenha sido sentida em função da habilidade do coordenador do programa na época (Dr. Luís Amilton Foerster).

Como consequência de um biênio como vice-coordenador, fui fortemente estimulado (uma forma elegante de dizer quase intimado) a me candidatar ao cargo de coordenador. Como candidato único geralmente é eleito passei a atuar como coordenador por dois anos. Confesso que estes dois anos aparentaram demorar a passar, talvez porque eu tenha iniciado uma contagem regressiva registrando cada dia que passava. Com relação à administração burocrática correu tudo bem graças a secretária Vera Maria Adélio que conhecia todos os caminhos e sempre esteve atenta às datas a serem cumpridas e aos procedimentos a serem adotados. É preciso admitir que nestas circunstâncias, as secretárias é que são as verdadeiras coordenadoras. Contudo, foi um período de muitas mudanças nos critérios de classificação que seriam adotados pela CAPES e que alguns professores insistiam em não querer entender ou mesmo acatar, possivelmente como um protesto ao coordenador e não à CAPES propriamente dita.

Ao final de minha gestão, afastei-me convicto de que nunca mais participaria de atividades de coordenação, pois tinha consciência de que tinha sido um fracasso. Entretanto, ao final da gestão que me sucedeu, houve por parte de alguns professores uma proposta e muito empenho para o fechamento do programa de Pós-Graduação em Zoologia. Como eu e outros professores não concordávamos com esta forma de conduta, iniciamos esforços no sentido de reverter o que vinha ocorrendo e que certamente refletia a cisão que se iniciara durante a minha gestão. A consequência é que

na véspera do encerramento das inscrições de chapas para a coordenação, não havia candidato algum e isto significava que o fechamento do programa talvez não estivesse tão longe de acontecer. Assim, não restou nada a não ser jogar fora a minha convicção de não mais atuar na coordenação do curso e, com o apoio do Dr. Luís A. Foerster para compor uma chapa, retornamos à coordenação.

Este foi um período de enorme esforço no sentido de atrair novos professores para o programa e iniciar um processo de “pacificação interna” que felizmente foi bem sucedido, certamente graças ao apoio e experiência do vice-coordenador e da secretária. Finalizada esta etapa, me propus a continuar na vice-coordenação com o propósito de agora sim ser um vice-coordenador atuante e efetivamente apoiar a coordenação. Acredito que tenha conseguido.

Apesar de todo o desgaste, avalio este período como positivo, pois já que nas Instituições de Ensino Superior não existem administradores profissionais para estas tarefas e que cabe a professores/pesquisadores este gerenciamento, cumpri com minha parte e tive a oportunidade de entender um pouco melhor algumas cobranças de coordenadores e chefias, podendo hoje colaborar de forma mais efetiva.

Bancas

Durante todo o período de orientações sempre tive que recorrer ao grande número de colegas (muitas vezes mais de uma vez) para participarem das bancas de avaliação de meus alunos e de forma semelhante, eu também passei a ser convidado para avaliar estudos que compunham monografias, dissertações e doutorados.

Para ser muito sincero, eu não tenho a menor ideia de quantas bancas eu participei. Possivelmente tenho toda a documentação comprobatória, mas nunca me dediquei a resgatar esta informação. Não se trata de qualquer menosprezo a esta atividade, mas sim total falta de organização. Respeito o papel das bancas e reconheço a importância das avaliações que, por conta da visão externa, tem detectado falhas nas orientações, apresentado prismas diferentes dos mesmos temas e na grande maioria dos casos, melhorado a qualidade final dos estudos.

Acredito que ser convidado para uma banca é geralmente uma forma de reconhecimento (às vezes mera falta de opção e uma forma de ajudar um colega) e que de alguma forma a sua carreira o associa ao novo estudo, mas este reconhecimento cobra um preço alto, pois inclui ler longos trabalhos, fazer correções que nem sempre deveriam ser dos membros da banca e fazer questionamentos que podem ser constrangedores.

Contudo, em um universo de certamente mais de 200 bancas, considero que a grande maioria foi muito gratificante, pois pude aprender mais sobre diferentes realidades que incluem dificuldades financeiras, apoio institucional, regionalismos e dados de muitos organismos em que não tive competência para estudar. Talvez o ponto mais interessante das bancas, particularmente nos últimos 10 anos, é o fato de elas terem se tornado um fórum de discussões sobre um determinado tema onde os membros da banca debatem resultados e ideias com o orientador e orientado, gerando um trabalho muito rico, pois passa a dar grande sentido a esta atividade. Mesmo estudos que apresentam grande vulnerabilidade permitem avaliações enriquecedoras e contribuições importantes para o pesquisador em formação e para a qualidade final do trabalho. Este

tipo de debate é algo que poderia ocorrer em congressos, tema que discutirei rapidamente mais adiante.

Ao longo de todas estas minhas participações tive o desprazer de reprovar uma dissertação (UFPR) e um doutorado (INPA) e em ambos os casos as causas foram inconsistência dos dados e plágio. Em alguns casos, a inconsistência de um conjunto grande de dados, que demanda muito esforço para ser coletado, pode até ser remediada com a sugestão de novas análises, mesmo que este não seja o procedimento mais adequado. Este procedimento além de ajudar a disponibilizar informações que por vezes são relevantes e que tinham sido mal conduzidas, pode incentivar um jovem pesquisador a melhorar a sua qualificação, contudo, os dois casos de plágio se tornam problemas sérios. Felizmente para os avaliadores que se manifestaram contra a aprovação, as evidências de plágio consciente eram tantas que sequer geraram dúvidas de acidentes de percurso somado à ignorância. O triste é pensar que para o caso do doutorado, em sete avaliadores, quatro deram pareceres favoráveis.

Assim, considero que todo o enorme tempo dedicado às bancas foi muito positivo deixando na maioria das vezes uma sensação muito gratificante de ter realmente podido colaborar para a qualidade final de um estudo de longo prazo.

Referee

Desde o meu doutoramento tenho atuado no julgamento de estudos submetidos à publicação e avaliado diferentes projetos de pesquisa submetidos a organizações governamentais e não governamentais de fomento à pesquisa, além de projetos de mestrado e doutorado de diferentes programas no país.

Com relação às avaliações de estudos submetidos aos periódicos científicos, em uma fase inicial eu só recebia solicitações de editores nacionais. No início era uma grande satisfação, pois encarava como sendo uma forma de reconhecimento, mas depois passei a perceber que isto pode não ser a única verdade, pois em muitas ocasiões os nossos editores começavam a abusar e às vezes eu recebia até três manuscritos de um mesmo editor em um mês. Neste momento comecei a questionar se isto estava sendo feito por falta de referres ou por comodismo de alguns editores que quando acham alguém que se dispõe a esta tarefa, acabam por explorá-los. Desta forma, aos poucos eu comecei a ficar mais seletivo em relação às revistas e aos estudos que eu daria um parecer. Os editores que faziam solicitações esporádicas e em temas bem voltados às minhas linhas de pesquisa passaram a ter preferência. Além disso, verifiquei que alguns problemas conceituais detectados (não me refiro a sugestões) eram ignorados pelo editor e autores e desta forma o meu trabalho parecia mera formalidade para o aceite do manuscrito. Então passei a recusar as solicitações de muitos editores.

Nesta mesma ocasião comecei a receber algumas solicitações de editores de revistas de fora do país e neste caso os estudos eram bem mais relacionados aos estudos que eu mesmo produzia e talvez pela maior número de revisores, estas solicitações não eram tão frequentes. Duas diferenças chamaram a minha atenção. Primeiro que o mesmo editor nunca enviava dois manuscritos em sequência e em segundo, quando havia algum ponto preocupante, ele era sempre avaliado. Esta combinação fazia crer que a avaliação do manuscrito realmente tinha alguma relevância.

Paralelo aos manuscritos, também recebia solicitações para emitir pareceres sobre projetos do CNPq, FAPESP, Fundação O Boticário, FNMA e de diferentes programas de Pós-Graduação. A meu ver, esta atividade era mais gratificante, pois era

possível emitir um parecer ainda no início do trabalho de pesquisa e acompanhar o desenvolvimento de muitos deles, o que por vezes permitiu um direcionamento diferente.

Com o passar do tempo o número de avaliações deste tipo passou a ser bem grande o que, somado a todas as outras atividades que eu estava desenvolvendo, mostrou a necessidade de eu ser mais seletivo e aos poucos passei a não aceitar mais os manuscritos para avaliação (exceto em raríssimos casos) e a reduzir os pareceres aos projetos. Atualmente cumpro com o meu compromisso junto ao CNPq e muito raramente aceito avaliar algum projeto da CAPES ou FAPESP.

Talvez este meu radicalismo possa estar errado já que continuo a submeter manuscritos e projetos, mas como estas tarefas devem ser melhor distribuídas e eu as executei frequentemente por um bom tempo, optei por me afastar e deixá-las para pesquisadores mais novos e por vezes mais qualificados.

Produção Literária

Desde o período de graduação convivi com professores que atuaram ativamente com pesquisa e era praticamente impossível não ser contagiado por esta forma de agir. Gerar uma publicação com base nos dados obtidos em um estudo e não em prazos era uma importante meta.

Iniciei o que viria a ser a minha primeira publicação ainda no terceiro ano de graduação. É bem verdade que eu não tinha muita ideia de onde eu queria chegar, mas a rotina de campo era estimulante e o estudo acabou sendo bem conduzido. A redação do manuscrito era o próximo passo e após termina-la, a submeti à primeira avaliação de

meu orientador, o Dr. Ângelo P. do Prado que concluiu que eu “parecia um autor sem estilo” o que eu acredito que poderia ser traduzido por “está uma bosta”. Pode até não parecer, mas a forma como isto foi dito foi um grande estímulo para que eu me dedicasse ainda mais, já que foram necessárias várias versões. Até hoje, quando leio os textos desconexos de meus alunos, eu paro e penso nestas sábias palavras. Respiro fundo e tento fazer por eles o que foi feito por mim.

Até o final do meu doutorado eu já havia publicado 10 estudos. Isto pode não parecer muito, mas naquela época não havia as cobranças que temos hoje e estas publicações eram sim reflexo da rotina de minha escola.

Mesmo que este não fosse o propósito, estas publicações acabaram sendo importantes para a minha aprovação no concurso de ingresso na UFPR.

Aos poucos fui publicando alguns dados oriundos do meu doutorado e tentando publicar os dados obtidos durante o mestrado, mesmo que por incompetência minha isto ainda não tivesse ocorrido como já dito nas páginas iniciais deste memorial. Com o passar dos anos e com a continuidade às minhas atividades de campo, novos conjuntos de dados foram sendo registrados e com o apoio de meus orientados, algumas linhas de pesquisas, particularmente com biologia e ecologia de mamíferos, começaram a se fortalecer. Aos poucos, eu e meus alunos íamos gerando dados que permitiam manter uma média de quatro publicações ao ano, mesmo considerando que após 27 anos, no ano de 2014, eu cometi a proeza de não publicar um artigo sequer. O resultado do esforço destes anos foi de 112 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais.

Além destes artigos, investi grande esforço em organizar e publicar livros científicos. Digo grande esforço, pois parte dos pesquisadores brasileiros não têm o

hábito de publicar livros. Isto parece ter se agravado mais recentemente tendo em vista que nossos livros não são indexados pelo sistema QUALIS da CAPES e por este motivo, muitos de nossos colegas se recusam a participar da elaboração de um capítulo.

Meu primeiro livro foi de divulgação científica. Em um momento em que estávamos lutando para parar com a caça das baleias na costa brasileira, o livro foi elaborado de forma a envolver os leitores em um cenário de caça e apresentar informações sobre a biologia e ecologia das espécies. Assim ele foi dividido em duas partes sendo a primeira uma história de ficção sobre a caça às baleias com apelo às reflexões de matar animais por motivos econômicos e, a segunda parte um documento respaldado em literatura, sobre quem são as baleias, que pressões sofriam e as possíveis consequências de sua extinção. Este livro foi publicado antes mesmo de meu ingresso no mestrado e acabou ajudando a arrecadar recursos para a divulgação das discussões que levaram à elaboração de uma lei proibindo a caça na costa brasileira.

Vinte anos se passaram até que eu voltasse a me dedicar à produção de um novo livro e por volta do ano 2000 comecei a organizar um livro sobre a “Biologia, Ecologia e Conservação do Boto-Cinza” e, apesar de eu não ter conseguido reunir todos os pesquisadores que estudavam a espécie, o livro foi finalmente publicado em 2008, abordando uma boa parte dos estudos que já haviam sido publicados. Considerando que existem poucos exemplares da primeira edição, a possibilidade de uma segunda está sendo avaliada.

No mesmo período, juntamente com um aluno, organizamos o livro “Biologia, Ecologia e Evolução de Marsupiais do Brasil” cuja edição esgotou-se em cinco anos. Diferente do livro sobre o Boto-Cinza, esta obra recebeu amplo apoio por parte dos pesquisadores convidados e, portanto, precisou de menos tempo até que fosse

publicado. Considerando que a grande maioria dos livros que comumente utilizamos é publicada fora do Brasil e que em algumas ocasiões divulgam informações muito gerais ou até mesmo equivocadas sobre a nossa fauna, sinto-me muito satisfeito com o resultado alcançado e com a repercussão dos dois livros.

Durante a minha gestão como coordenador do PPG/Zoologia organizei uma obra comemorativa dos 30 anos do programa, intitulada “Revisões em Zoologia I: Volume comemorativo dos 30 anos do Curso de Pós-Graduação em Zoologia da Universidade Federal do Paraná”. Para este livro recebi o apoio de alguns colegas ligados ao referido programa e a obra teve uma divulgação muito local, contudo, o algarismo “I” já indicava o objetivo de continuidade. Assim, após algumas reuniões junto à Editora da UFPR, foi aprovada a proposta de uma coleção com 10 livros tendo como base os biomas brasileiros. Atualmente o primeiro livro intitulado “Revisões em Zoologia : Mata Atlântica” está concluído e sendo entregue ao Comitê Editorial.

No ano de 2013, com o apoio de um grande patrocínio ao projeto mais antigo que desenvolvo (hoje com 34 anos) pudemos publicar mais dois livros sendo um deles o “Guia Ilustrado dos Mamíferos Marinhos do Brasil” que tem como diferencial ter sido produzido em papel reciclado de garrafa pet e podendo a princípio, ser utilizado até mesmo dentro d’água e, um segundo livro, “Projeto Boto-Cinza”, que é uma obra de divulgação com pouco texto e muitas imagens que permitem ao público leigo ter uma visão do boto-cinza, do estuário de Cananéia, de uma pesquisa de longo prazo e da instituição que o abriga, sem, contudo, ofender aos profissionais da área com uma linguagem muito simples.

Entre os anos de 2011 a 2013, pudemos produzir também quatro fascículos de uma revista de divulgação científica “Expedições no Lagamar” que apresentou

diferentes projetos desenvolvidos e seus resultados, entrevistas com alguns especialistas, pontos de vista, sugestões de literatura e infográficos produzidos por filhos de pesquisadores que faziam parte do Projeto Jovem Pesquisador.

Produtividade em Pesquisa – CNPq

Desde os primeiros anos na UFPR candidatei-me a uma bolsa de Pesquisador com um projeto relacionado à biologia e ecologia de mamíferos marinhos. Mais tarde esta bolsa viria a se modificada em Bolsa de Produtividade em Pesquisa.

Ironicamente, em um dos períodos mais produtivos de minha carreira (16 publicações em dois anos), meu projeto foi recusado com um parecer sem qualquer critério e com inconsistências e a bolsa foi retirada. Ao mesmo tempo em que eu encaminhei um recurso referente ao parecer anterior, também fiz uma nova submissão de projeto, mas desta vez não mais com mamíferos marinhos e sim com morfologia de pelos. No período de seis meses entre o envio do recurso e da nova submissão e a divulgação dos resultados, acabei tendo na banca de uma aluna minha a participação de um dos novos membros do comitê de bolsas. Por sua própria iniciativa, este membro veio comentar a perda de minha bolsa e acabou declarando que este novo comitê ao qual ele fazia parte não sabia explicar o motivo da bolsa ter sido retirada, o que me levou a acreditar que este era mais um “dos grandes mistérios da ciência brasileira”. Ao final dos seis meses, o meu recurso foi negado com um parecer mais absurdo e amador que o anterior, contudo a estratégia de uma nova submissão acabou dando certo e felizmente eu voltei a receber a referida bolsa, mas agora com estudos relacionados à morfologia de pelos.

Outro grande mistério para mim é o critério de reclassificação, pois ao longo dos anos eu acabei ficando congelado em uma categoria enquanto outros pesquisadores bem mais novos foram sendo promovidos, mesmo com produção muito menor que a minha, pois de acordo com os critérios do próprio CNPq, eu já deveria ser PQ 1A há muitos anos. Não se trata do recurso financeiro, é só uma questão de direito. Ou seja, se pesquisadores da área com metade a dois terços da minha produção foram sendo reclassificados periodicamente e são PQ 1 A. Por direito eu também deveria ser.

Mesmo não se tratando de comodismo, prefiro encarar isto como mais um “dos grandes mistérios da ciência brasileira”.

Participação em Congressos

Minha participação em congressos e outras reuniões científicas é conscientemente insignificante. As poucas experiências que tenho são de três participações no período decorrido entre a graduação e o doutorado, ocasiões onde apresentei resumos. Após este período, ministrei três palestras nos Encontros Anuais de Etologia que me deixaram muito bem impressionado com a organização e respeito com que todos os participantes eram tratados, fossem eles alunos de graduação ou organizadores. Mais recentemente concordei em participar de três Encontros de *Sotalia* do Nordeste com poucos participantes e propósitos bem estabelecidos.

A despeito de eu não desestimular meus alunos a participarem de congressos, tenho uma visão muito negativa deles. Exceto pelas possibilidades de alguns poucos contatos interessantes e da possibilidade de discutir algumas questões de forma muito particular, me indigna ver tanta exposição e egos em um ambiente que deveria ser

formador e não deformador de opiniões. A meu ver, grande parte dos congressos poderia bem ser conduzida em um palco ou circo, pois isto seria bem mais barato e atingiria os mesmos propósitos.

Não desmereço aqui o grande empenho de muitos para a organização, participação e na esperança de que tudo corra bem, mas certamente a maioria dos nossos congressos não é considerada com a importância que deveria ter.

Em suma, por ter consciência de que esta visão não representa necessariamente a realidade e por ser um viés possivelmente equivocado, optei há muito por evitar participar, contudo, incentivo a participação de meus alunos esperando que concluam sobre a importância e pertinência de suas participações futuras.

Terceiro Setor

Com minha entrada na UFPR, comecei a sentir as dificuldades de buscar recursos. O contraste entre a IES de onde eu era oriundo, a qual possuía muitos recursos, além de uma fundação estadual de amparo à pesquisa que funcionava e minha nova realidade, era muito grande. No início recebi uma pequena sala, mas os equipamentos eu teria que conquistar, pois de uma maneira geral as instituições de ensino e pesquisa não têm como manter as necessidades particulares de um pesquisador, até mesmo por conta das dificuldades na manutenção da estrutura e equipamentos didáticos. A fundação estadual que apoiava a pesquisa no Estado do Paraná acabava de ser fechada temporariamente (temporário = muito tempo) e então eu comecei a idealizar uma estrutura que pudesse apoiar minhas necessidades e as de meus alunos tanto em campo como na universidade. Assim, no ano de 1997 foi fundado o Instituto de

Pesquisas Cananéia (IPeC) que no início era tão virtual quanto tantas livrarias. Na ocasião não possuíamos qualquer recurso ou experiência administrativa.

A primeira aquisição do IPeC (feita com recursos próprios) foi uma embarcação que estava praticamente abandonada no Porto de São Sebastião no litoral norte do Estado de São Paulo. A embarcação Lobo-Marinho estava realmente um lixo, mas mesmo assim aos meus olhos ela era muito bonita e superava tudo o que eu havia sonhado por muitos anos para ser utilizada na pesquisa.

Após alguns anos de reformas, finalmente consegui colocá-la em funcionamento e partimos de Caraguatatuba em direção a Cananéia onde chegamos após cerca de 30 horas. A boa notícia é que chegamos em Cananéia e a má notícia é que a embarcação foi direta para o estaleiro para mais alguns acertos.

Por cerca de um ano a embarcação era a sede do IPeC em Cananéia e no ano de 2000, alugamos uma casa que passou a ser a sede local. Nesta ocasião o IPeC já contava com alguns poucos associados empolgados no desenvolvimento de pesquisas e na produção de cursos de extensão. Com a inclusão de novos associados, a instituição começou a crescer e a desenvolver diferentes atividades na região, inclusive de conscientização da população e apoio em atividades de educação nas escolas locais.

Aos poucos o Instituto passou a ser aceito pela população local e também a ser conhecido e reconhecido por diferentes instituições de pesquisa e ensino em função dos resultados de suas pesquisas. Cabe destacar que a força da maioria das pesquisas está na íntima relação com Programas de Pós-Graduação vinculados a diferentes IES do país e até mesmo do exterior.

Assim fortaleceu-se uma relação interessante onde o IPeC cresceu com o respaldo das pesquisas e ao mesmo tempo o reconhecimento institucional respalda cada uma das pesquisas.

Hoje com quase 18 anos o Instituto continua atuando com os objetivos com que foi criado, possui biblioteca, equipamentos de última geração e até o final de 2015 deverá iniciar a construção de sua sede própria em Cananéia, de um centro de resgate e recuperação de fauna e de um museu na Ilha Comprida.

O Instituto é uma realidade local atuando como membro de diferentes órgãos gestores regionais, estando cadastrado como instituição de pesquisa no CNPq e sendo reconhecido pela CAPES com base no apoio a dissertações e teses.

Autocrítica

Ao longo deste memorial procurei ir tecendo críticas positivas e negativas sobre minha atuação como professor de uma IES e como pesquisador em cada um dos itens tratados.

Correndo o risco de ser repetitivo, acredito que cumpri e continuo cumprindo com o que me propus a fazer dedicando grande esforço à formação de profissionais, ao estudo da história natural e à conservação nos moldes de meus ex-orientadores e professores, além de repudiar reuniões, sejam elas quais forem. Com a minha idade, acredito que não deverei mudar.